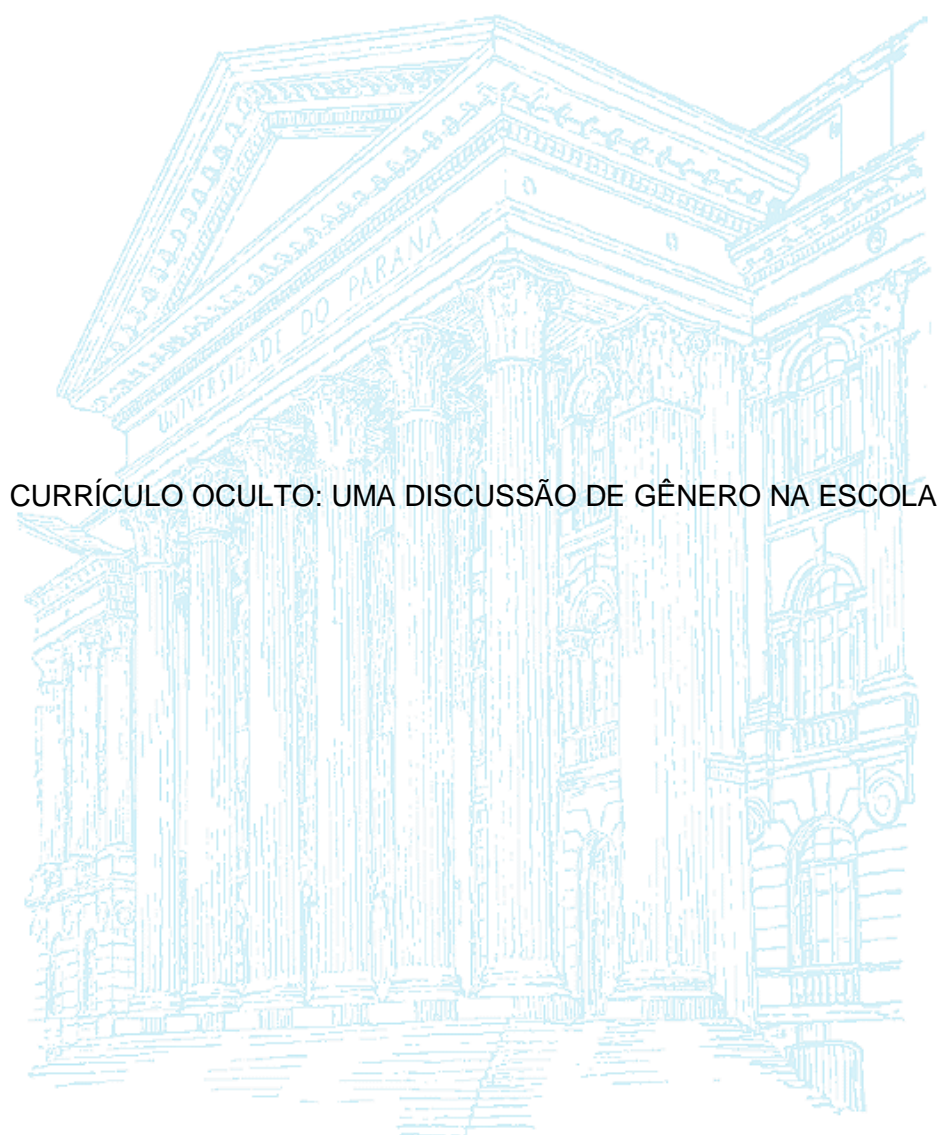


UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

PATRICIA BAPTISTA GUERINO



CURRÍCULO OCULTO: UMA DISCUSSÃO DE GÊNERO NA ESCOLA

LAPA  
2016

PATRICIA BAPTISTA GUERINO

CURRÍCULO OCULTO: UMA DISCUSSÃO DE GÊNERO NA ESCOLA

Trabalho de Conclusão do Curso de Pós- Graduação em nível de Especialização em Gênero e Diversidade na Escola, do Setor Litoral da Universidade Federal do Paraná, apresentado como requisito parcial à obtenção do título de Especialista em Gênero e Diversidade na Escola.

Orientador: Prof<sup>a</sup> Rita Salinol

LAPA

2016

# CURRÍCULO OCULTO: UMA DISCUSSÃO DE GÊNERO NA ESCOLA

Patrícia Baptista Guerino<sup>1</sup>; Rita Salino<sup>2</sup>

<sup>1</sup> Professora da Educação Básica – Sociologia e História – PMC e SEED-PR; E-mail: [patriciabaptistaquerino2011@gmail.com](mailto:patriciabaptistaquerino2011@gmail.com)

<sup>2</sup> Professora formadora do curso de especialização em Gênero e Diversidade na escola, especializada em Direitos Humanos; E-mail: [ritasalino@yahoo.com.br](mailto:ritasalino@yahoo.com.br)

**Resumo:** *As instituições de ensino no Brasil estão voltadas majoritariamente para uma visão “mercadológica” do mundo. O importante é preparar-se para o mercado de trabalho, é a frase corrente na retórica de discentes e docentes. Nos bancos escolares não há tempo para se discutir “vidas”, discutem-se números. É essa a escola que temos. Práticas e ações contra a diversidade são tratadas corriqueiramente como algo “que sempre ocorreu” no ambiente escolar. Assim, vislumbram-se a importância desse estudo que se propõem em analisar as questões como: do gênero e sexualidade na escola. Enfatizando um estudo de caso e utilizando-se principalmente da pesquisa qualitativa, por meio de um “survey” realizado com uma comunidade escolar para realizar análises de discursos dos principais agentes envolvidos: profissionais da educação e discentes. Os resultados da pesquisa evidenciam que os processos de socialização e formação aos quais estão intrinsicamente ligados nessas relações: a escola, discentes, docentes, famílias e os currículos escolares, há um verdadeiro abismo entre a construção democrática de um currículo voltado para as necessidades concretas as quais as escolas estão inseridas. O cenário escolar apresenta um panorama desafiador ao se evidenciar que as práticas docentes contemporâneas se direcionam baseadas em um currículo escolar sexista. Políticas públicas voltadas para essa problemática se fazem imprescindíveis.*

**Palavras-chave:** currículo escolar; educação; gênero

**Abstract:** Educational institutions in Brazil are mostly geared to a view "marketing" of the world. The important thing is to prepare for the labor market is the current phrase in the rhetoric of students and teachers. In school enrollment there is no time to discuss "life", they discuss numbers. This is the school we have. Practices and actions against diversity are routinely treated as something "that ever occurred" at school. So envision the importance of this study we intend to analyze issues such as: gender and sexuality in school. Emphasizing a case study and using mainly qualitative research, through a "survey" conducted with a school community to conduct discourse analysis of key players involved: education professionals and students. The survey results show that the processes of socialization and training to which they are inextricably linked these relationships: school, students, teachers, families and school curricula, there is a real gap between the democratic construction of a focused curriculum for specific needs which schools are located. The school setting presents a challenging scenario to be

evident that the contemporary teaching practices are directed based on a sexist curriculum. Public policies for this problem make themselves indispensable.

## INTRODUÇÃO

Em uma sociedade permeada por imensas mutações tecnológicas, de valores, tradições e crenças, modos de relacionamento e manifestações distintas de sociabilidades, de construções e desconstruções de paradigmas ideológicos, as escolas também estão inseridas neste panorama de transformações de realidades. Diante disso, as escolas têm se mostrado com grandes dificuldades de estar propícia a discutir estratégias políticas para resolver conflitos. De modo que, considerar a formação de diferentes subjetividades e com isso novas práticas sociais nos meios escolares ainda é algo a ser transposto por educadores e comunidades escolares de um modo geral. Ao que parece “as instituições escolares” permanecem ilhadas sobre “muros” que esbarram nos conteúdos pedagógicos dos currículos escolares e das fronteiras que se estabelecem entre o que ocorre dentro e em torno da comunidade escolar. Estas questões são genericamente consideradas assuntos alheios ao contexto escolar, como aquela velha ideia de que “isso não me pertence”. Porém as consequências destes direcionamentos políticos têm ocasionado consequências no interior de todas as escolas no Brasil. A exemplo de acontecimentos que noticiados, tem sido a questão da violência e agregada a intolerância de várias ordens tomando conta das salas de aulas, pátios e da vida dos discentes, professores e comunidade escolar.

Assim, é importante refletir que as sociedades contemporâneas são constituídas por diversas instituições sociais, estas possuem uma “função social”, as quais o indivíduo sofre vários processos de socialização, que os permitem resolver conflitos e conviver em grupos. Com isso, na medida em que, os indivíduos convivem em sociedade, ou seja, com o “Outro” submetem seus participantes a normatizações de ordens sociais, morais entre outras, afim, de produzir uma integração social necessária para a convivência social.

É circunscrita a esta necessidade de convivência em sociedade que a Instituição social “escola” está permeada por “muros” de limitações. Deste modo, ao refletirmos sobre o papel da escola moderna e como esta vem

abordando os temas vinculados ao gênero, violência ligada à orientação sexual, diversidade sobre várias vertentes. É razoável ressaltar a grande dificuldade em transpor algumas teorias científicas obsoletas. Tais teorias surgidas principalmente no século XIX como a “eugenia”. Baseavam-se na ideia em que a legitimidade da pesquisa científica estava vinculada justamente na “neutralidade”. Entretanto, sabemos que a neutralidade científica é “forjada”. O pesquisador e as circunstâncias das pesquisas estão imbuídos de uma série de elementos que estão sujeitos a muitas tendências. Assim, a ciência não se mostra “neutra” em questões de gênero e raça. Ao contrário está imersa a julgamentos de valores, contextos sociais, políticos, econômicos, religiosos entre outros.

É também na escola que se reproduz políticas governamentais “como as políticas de branqueamentos” (as quais os governos alimentavam a ideia de que era preciso ao longo do tempo incentivar o branqueamento da população brasileira. Uma medida utilizada para esse fim foi o incentivo a imigração branca europeia para o país. Assim, cria-se na escola moderna, um modelo de sujeito conforme “ ... Este modelo é masculino, branco, heterossexual, e todas as pessoas que não se encaixam nele são o Outro, que é tratado como inferior, estranho, diferente”. (Gênero e Diversidade na Escola p. 106).

Tais políticas influenciaram a construção de estereótipos e funcionam como dispositivos de reforço de uma estrutura societária desigual, ou seja, onde um “*status quo*” está fortemente arraigado num discurso em que a competitividade e a ideia de que um indivíduo deve sobrepor o outro “tirar vantagem em tudo”, “ser o melhor” é algo latente inclusive no ambiente escolar. Além disso, segundo Souza (2012) a escola busca a todo tempo “enquadrar” todos dentro do que se considera como “normal”<sup>1</sup>. Entretanto, pelo fato de arbitrariamente se impor (criar) o “normal” e somente este como válido, ou seja, é “assim que deve ser” e atribui-se a esse normal “juízo de valor” já é o primeiro passo que se produz a desigualdade social.

---

<sup>1</sup> “A univocidade do sexo, a coerência interna do gênero e a estrutura binária para o sexo e gênero são sempre consideradas como ficções reguladoras que consolidam e naturalizam regimes de poder convergentes de opressão masculina e heterossexista”.(Butcher, 2013 p. 59).

Desta forma, ao propormos pensar sobre o alcance do significado da humanização e o papel da escola para a sociedade e também para a vida dos indivíduos que se formam na escola. É imprescindível perpassar por conceitos e significações presentes na educação como: currículos escolares, gênero e diversidade e as imbricações possíveis presentes desta relação: questões como orientação sexual, produção de uma cultura de violência, protagonismo juvenil, participação familiar na escola, entre outros.

Partindo destes pressupostos, as pesquisas e análises realizadas ocorreram na Escola Municipal A em Curitiba /PR e que possui uma história ímpar. Inaugurada em 1969 à escola praticamente nasceu e cresceu agregada a “Vila Nossa Senhora da Luz” - CIC e merece ser contextualizada

A Vila Nossa Senhora da Luz tem sua importância na história da cidade de Curitiba por ser o primeiro projeto de “desfavelamento” da Prefeitura Municipal de Curitiba visando a construção de moradias populares. Planejada, idealizada e legitimada em uma cidade que quis esconder sua população empobrecida, que ocupavam na época áreas de ocupações. Após a inauguração em 1966, tornou-se o primeiro núcleo habitacional de Curitiba. Entretanto, logo após a inauguração da “Vila” iniciou a luta de seus moradores que além de enfrentarem a segregação espacial pela distância geográfica do centro da cidade, passaram a organizar-se visando garantir por muitas vezes, apenas as necessidades básicas de qualquer população como: trabalho, escolas, transporte, saúde, água e luz.

Atualmente a CIC (Cidade Industrial de Curitiba) é bairro é o mais populoso da capital paranaense com mais de 172 mil habitantes e alguns dados sócios-econômicos chamam a atenção como: a renda efetivamente baixa de mais da metade dos moradores somando um percentual de 68,16% , o alto índice de homicídios na região (70,59% para cada 100.000 mil habitantes contra 42,81% para cada 100.00 mil habitantes da cidade de Curitiba), os índices baixos dos IDEB – Índice de desenvolvimento da Educação Básica das escolas que estão localizadas no bairro e ainda a escolha pela Secretaria de Segurança Pública do Governo Estadual após lançamento do projeto das UPS (Unidade de Paraná Seguro) sendo uma das primeiras “Vila” em 2012 a receber o programa no Estado do Paraná.

Assim, partindo destas premissas históricas a qual a Escola A e sua comunidade escolar não estão dissociadas, ressalta-se a importância de um estudo que vise examinar o currículo escolar, bem como, possíveis imbricações deste com as relações e interações ocorridas no cotidiano escolar. Haja a vista, que os discentes, pais e/ou responsáveis, docentes, gestores e educadores de uma forma geral não estão alheios do ambiente imerso ao qual a escola está localizada.

Assim, a violência (aqui enfatizando a violência física) dada como uma prática “naturalizada”, ao considerarmos os índices já mencionados. Questiona-se se a violência é conduzida para o interior da escola e de que forma se manifesta para que possa ser identificada. Entretanto, tratando-se da violência o estudo foi norteado pelo interesse específico voltado para a produção de práticas de intolerância, que resultam em violências de várias vertentes: física, moral, psicológica e simbólica.

Contudo, busca-se ressaltar a voz dos agentes, ou seja, a comunidade escolar e por meio do estudo de caso específico da Escola A, pensar em possíveis generalizações para problematizar primeiramente as diversas vertentes da violência que norteiam a temática de gênero e sexualidade nas escolas, posteriormente se tais violências são implicações resultantes da ausência desses temas nos currículos escolares?

## **OBJETIVOS**

Deste modo, o estudo tem como objetivo norteador investigar quais são os significados relacionados ao gênero e sexualidade produzidos pelos currículos escolares.

Segue como objetivos específicos deste estudo:

- Identificar qual a percepção que educadores de diversas áreas de conhecimento, bem como, gestores (as) escolares e funcionários/funcionárias possuem a respeito da importância de problematizar o gênero no ambiente escolar;
- Refletir em relação ao papel da escola neste contexto, como instituição de formação de sujeitos e suas subjetividades que convivem

socialmente em um mundo permeados por conflitos e desigualdades econômicas, sexuais e de gênero;

- Enfatizar as consequências ligadas à ausência das discussões de gênero e sexualidade na constituição dos currículos escolares na educação municipal de ensino.

## **METODOLOGIA**

Tratam-se especificamente do objeto de estudo – as imbricações de um possível currículo oculto, ou seja, as ausências das discussões de gênero e sexualidade nas escolas. Identifica-se que a natureza da investigação requer lançar mão a priori do uso de uma teoria e de não somente um método único. Já que a aproximação com o campo e o objeto requerem vários momentos e estratégias diferenciadas.

O estudo baseia-se na Hermenêutica como teoria de base. Entendendo que segundo Minayo esta teoria se apoia num campo histórico-semântico:

“A hermenêutica se move entre os seguintes termos: compreensão como a categoria metodológica mais potente no movimento e na atitude de investigação; liberdade, necessidade, força, consciência histórica, todo e partes, como categorias filosóficas fundantes; e significado, símbolo, intencionalidade e empatia como balizas de pensamento”.(MINAYO, 2003).

Desta forma, esta teoria se apoia na ideia de uma análise focada na interpretação/compreensão como método de análise. O objetivo é dar voz aos agentes das ações. De modo, que ele possa falar de si mesmo, buscar significados para determinadas práticas sociais cotidianas e estabelecer relações com os símbolos, práticas sociais por eles mesmos produzidos e reproduzidos no âmbito de suas relações e interações. A hermenêutica é assim pautada como a arte da compreensão. Ela busca a compreensão do objeto.

É importante salientar que a escolha de teoria e método perpassa pela pesquisa qualitativa com foco no estudo de caso ambos foram às bases para as análises que nos propusemos a realizar. Assim,



“...Os estudos de caso enfatizam a interpretação em contexto, quer dizer, para compreender melhor a manifestação geral de um problema, as ações, percepções, comportamentos e interações das pessoas devem ser relacionadas à situação específica onde ocorrem, ou à problemática determinada a que estão ligadas...” (LUKDE, 1986, p.44).

Desta maneira, foi utilizado ainda para a produção desse estudo alguns dados e análises estatísticas de *survey* aplicado em categorias: discentes, docentes, funcionários(as) e gestores(as) da Escola A. A pesquisa baseia-se em várias fontes de evidências, com triangulação de dados entre alguns discursos produzidos através dos *surveys* aplicados, discussões sobre os temas apresentados nos documentários em sala com os alunos, dados sócio-econômicos nos quais a Escola A e sua comunidade escolar estão inseridas. Mesmo que isso signifique transpor alguns desafios tão bem colocado por Becker (p. 20, 1993) “Ao invés de insistir em procedimentos mecânicos que minimizam o julgamento humano, podemos tentar tornar a base destes julgamentos tão explícitas quanto possível, de modo que outros podem chegar as suas próprias conclusões”.

O ponto de vista desse estudo, e as escolhas pela teoria e métodos e técnicas aqui citados, tem como objetivo, presumindo que se trata de uma pesquisa na área da educação e busca pela compreensão da realidade humana vivida socialmente.

A ideia foi aproveitar as semanas culturais que já são previstas em calendário escolar. E diante de várias oficinas e atividades culturais que são desenvolvidas na escola nesse período. Propor no mínimo uma sala de cinema com filmes previamente escolhidos. Durante três dias da semana. A sala (no caso foi utilizado o auditório da Escola) foi preparada cuidadosamente buscando fielmente reproduzir a simbologia de um cinema. Cenário, cortinas iluminação, para diferenciar o ambiente e preparar o clima.

É importante ressaltar que as sessões de cinema exibidas foram frequentadas também por professores e funcionários em regime de escala, para também participarem desse momento convidativo a refletir sobre a problemática proposta em torno da temática de Gênero e sexualidade. O trabalho foi dividido em três etapas. A primeira etapa da atividade propõe o tempo de mais ou menos 50 minutos. Na sequência. Uma segunda etapa os presentes responderiam o “*survey*” com questões mistas (múltipla escolha e

abertas), com objetivo de levantamento de dados a respeito de polêmicas levantadas nos filmes exibidos. “Eu não quero voltar sozinho” direção Daniel Ribeiro e “Vestido Nuevo” (legendado) direção de Sergi Pérez com um olhar para um futuro trabalho formativo com os discentes e também com a comunidade escolar ao longo dos meses durante o ano letivo de 2015. Cabe aqui uma ressalva, em acordo com a equipe diretiva da escola e depois de muitas discussões e discernimentos a respeito do objetivo da oficina. Foi permitida a exibição do filme “Eu não quero voltar sozinho”.

Em seguida, a terceira etapa e finalização destes trabalhos foi provocar uma roda de conversa/debate em salas de aulas com as turmas as quais foi direcionado a oficina 9º e 8º anos e sou professora, estimulando as manifestações e questões levantadas. Em todas as etapas desse trabalho houve no mínimo dois mediadores docentes de História da escola já elencados antecipadamente para dirigir tais atividades.

É relevante mencionar que ao analisarmos os dados e discursos proferidos após o estudo de caso da Escola A. Esta possui um total de 122 professores sendo que desse total a maioria são mulheres um total de 91. O número total de alunos/alunas entre os três turnos em que a escola funciona (manhã, tarde e noite) ultrapassa os 1100. Que são em sua maioria moradores da Vila e alguns poucos moradores de áreas próximas também periféricas

Ao final dos dias de exibições dos filmes e também das conversas e debates em sala de aula com os alunos/alunas participantes o sentimento é de que existe um gigantesco desafio e campo a ser problematizado e discutido em sala de aula que envolvem as questões de gênero. Considerando que ambas não estão formalmente constituídas como tema presente e/ou obrigatórios nos currículos escolares. Assim, permanecendo quase que ocultas e dependendo exclusivamente da práxis do (a) professor/professora e atividades pontuais previstas no decorrer do calendário anual escolar de cada Instituição educacional específica. Não é possível deixar de considerar a fragilidade dessa prerrogativa a considerar que “trabalhos pontuais” como as oficinas realizadas na semana cultural da Escola A, ainda depende de decisões e vontades políticas que estão ligadas também aos gestores/gestoras das escolas. Com isso, dificultando ainda mais a democratização e as discussões a cerca de um

currículo que ultrapasse as “amarras” de uma escola que já não atende as necessidades das sociedades contemporâneas.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO:**

No início do século XX, autores como Gilberto Freyre, Darci Ribeiro, Sérgio Buarque de Holanda entre outros, buscaram produzir um discurso indenitário, que legitimasse uma sociedade brasileira contemporânea sem discriminação, que aceitava o “diferente”, ou seja, o “outro”. Entretanto, é perceptível que todo esse discurso permaneceu apenas no mundo da retórica sem se fazer tomar corpo no cotidiano das pessoas e dos ambientes e instituições sociais. Tendo como parâmetro que a discussão a respeito da diversidade é ampla e engloba várias vertentes entre elas: étnica-racial, sexual, religiosa, social, política entre outras. Pressupõe-se que pensar o diferente não é tarefa fácil, considerando que os espaços socializadores (entre eles a escola) têm como paradigma associar à diferença a desigualdade. Por mais que este fato não seja externado é perceptível nas práticas no interior das escolas mesmo na contemporaneidade.

Primeiramente é importante ressaltar que ao serem questionados sobre o que seria violência tanto o corpo docente quanto os alunos/alunas produzem discursos muitos parecidos. O ato da violência física “como bater, brigar, estupro” foi o mais mencionado em um total de 52 *survey* respondidos por professores e educadores. Conforme menciona uma educadora da Escola A “Violência significa usar de forma intencional e excessiva. Ato que resulte em agressão física ao outro” ou ainda “Qualquer atitude que agrida fisicamente” (professora de História, 39 anos, Escola A)

Os (as) alunos/alunas se referem a este conceito de forma mais específica de modo que caracterizam a violência como “violência é você brigar com outro, bater, atacar coisas, empurrar, estupro”, 39 *surveys* constam essas designações como exemplo de violência, num total de 48 respondidos. Entretanto, é significativo mencionar que a violência e suas causas não se limitam apenas a esta percepção a priori relatada pelos discentes. De modo que:

“A violência não se manifesta apenas na morte por agressão física ou por acidente de trânsito: essa é sua forma mais cruel porque aniquila a vida. Mas há modalidades de atuação que provocam danos à própria pessoa, a outrem e à sociedade. Elas estão presentes na vida social brasileira, reproduzindo-se nas estruturas, nas relações e nas subjetividades, de maneira insidiosa e preexistente” (MINAYO, 2006, p. 30)

Observando os relatos problematizando a origem da violência e se ela pode estar ligada a ausências de discussões na escola a cerca da temática de gênero o que se evidencia é a não percepção de um elo entre esses dois fatores. Ou seja, relatos como os que se seguem mencionados por uma educadora são comuns:

*Outro dia ouvi também um aluno que saiu chorando no pátio e ao ser perguntado porque chorava pela funcionária da escola ele respondeu “ porque caí no corredor e chorei, aí os alunos começaram a me chamar de mariquinha dizendo que homem não chora”. (Educadora, 42 anos, Escola A)*

Deste modo, práticas violentas dessa natureza não são caracterizadas como violência, ou seja, mesmo os educadores ainda não vislumbram o que o sociólogo francês Bourdieu (1992;2004) estabelece como violência simbólica. Esse autor apresenta a cultura e os sistemas simbólicos como construções sociais e estas se estabelecem como “arbitrárias”, já que são impostas por uma classe dominante que domina a sociedade. Deste modo, a violência simbólica se estabelece como legítima ao impor a interiorização de uma cultura dominante, onde o oprimido não se opõe ao opressor. Já que não se percebe como vítima em relações que são dadas como naturais. Assim, o discurso encontrado na também na fala dos professores/professoras ao se referir as questões de discriminação de gênero:

*“Essas coisas sempre aconteceram e sempre vão acontecer. A escola não tem muito a fazer. Se nem nós sabemos direito como reagir em certas situações. Por exemplo, no filme o que a professora iria fazer se o menino chegou vestido de menina. Eu também ficaria sem reação. E quando os alunos começam a dizer assim: é professora, mas como um menino cego pode gostar de outro, há eu não acredito que isso é verdade. O que a gente diz para um aluno desse? Nunca pensei sobre isso. O filme foi bom para pensar nessas coisas. (Professora da disciplina de Inglês, da Escola A)*

Assim, é perceptível que em ambas as falas o oprimido não contesta o opressor, nem o que o oprime. O discurso proferido de que “essas coisas

sempre aconteceram e sempre vão acontecer”, nos remete a pensar não só num silencioso conformismo legitimado, mas também na questão do estigma o qual é caracterizado assim por Goffman (2008) “a pessoa estigmatizada aprende e incorpora o ponto de vista dos normais, adquirindo, portanto, as crenças da sociedade e uma ideia geral do que significa possuir um estigma particular”. Esta reação é representada por falas de alunos como:

*“Eu me sinto um pouco assim, como no filme...o pai do Mário diz que ele tem poucos amigos né...;[... ] no recreio fico sozinho sentado, não gosto de me misturar, para ninguém ficar rindo de mim”. (Alunx, escola A, 14 anos).*

Posteriormente em outro bloco temático a discussão avança em torno de pensar a constituição da escola. Divisões de disciplinas, espaços que possibilitem diálogos sobre questões de gênero e o envolvimento da práxis dos professores com as mesmas. Na fala já mencionada da professora da disciplina de Inglês da Escola A, é perceptível o desconhecimento (inclusive teórico) corrente no meio educacional. O argumento mais utilizado é à força da tradição de ordem moral e em muitos relatos religiosas:

*“Deus fez o homem e a mulher e é assim que deve ser eu não discrimino, mas também não dá para a gente aceitar tudo, o negócio virou modismo” (Pedagoga, 28 anos, Escola A).*

Nesta perspectiva a ideia debatida por teóricos a exemplo vale mencionar Durkheim (2014) em relação a necessidade de separação de Estado e Igreja e por ventura a educação está presente já no século XIX. A defesa de um Estado laico visava entre outras ideias criar liberdade de pensamento nos espaços educacionais, vislumbrando a produção de conhecimento dissociado do pensamento religioso e seus dogmas. A escola como instituição educacional e socializadora não deve influenciar na decisão de culto religioso do discente e ao mesmo tempo não pode interferir em suas crenças no espaço escolar.

A ideia de que é importante se discutir Gênero e diversidade na escola é fato, porém, a uma noção negativa em relação ao que “pode ser mudado”, ou seja, perspectivas futuras. De modo, que se estabelece a continuidade de um

currículo oculto envolvendo a temática. Por que mesmo quando se propõe e se justifica a importância de priorizar as questões de gênero permanecem forçosamente na dependência de inclusão ou não do tema pelos professores em seus planos de trabalho docente e não raramente de forma pontual, através de projetos específicos, palestras, seminários, semanas culturais. Não se legitimando como prática corrente no cotidiano das salas de aula.

Desta forma, tanto a escola que temos e os desafios para transformá-las permanecem. Analisando os discursos dos professores/professoras que participaram desse estudo pode ser representado nas palavras de Adiron (2010 )

“Essa escola seletiva valoriza mais a capacidade dos que os processos; a competitividade do que a cooperação; o individualismo do que a aprendizagem solidária; os modelos fechados, rígidos e inflexíveis do que os projetos educativos abertos, compreensivos e transformadores”. (ADIRON, 2010, p. 70).

Outro fator a ser observado foi a questão da rigidez curricular, onde 38 *survey* responderam que questões de Gênero devem ser trabalhadas por disciplinas como história, geografia, ciências e ensino religioso.

A banalização das desigualdades, estereótipos e preconceitos é algo a ser discutido somente na “história” ou áreas afins. A noção de hierarquização de disciplinas curriculares se revela até mesmo nestes aspectos. É algo que “não tem importância” para estar inserido nos planejamentos e base curricular das disciplinas que se dizem realmente formarem e serem essencial para a vida do aluno/aluna.

Neste contexto, toda forma de desnaturalização dos fatos discriminatórios e pensar a diversidade como algo relevante digno de ser problematizado nos meios acadêmicos se faz forçoso, de forma a não permitirmos que fiquemos parados e não nos inquietemos com que vemos, ouvimos e sentimos.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS:**

*“Se queres colher em um ano, deve plantar cereais. Se queres colher em uma década, debes plantar árvores, mas se queres colher em uma vida inteira, debes educar e capacitar o ser humano” (Comissão das comunidades europeias, appud BAUMAN, 2013).*

Para refletirmos a respeito do conceito de Gênero e suas articulações no interior da práxis dos professores e ainda no cotidiano escolar é necessário pensarmos primeiramente na constituição da Instituição Escola e suas particularidades e depois nas mudanças ocorridas ao longo dos tempos dentro deste contexto.

A partir destes pressupostos, é possível verificar que de uma forma concisa as Instituições Escolares foram e são sem dúvida um produto das sociedades das quais estavam ou estão inseridas. Assim, é perceptível identificar a escola como reprodutora de práticas sociais que circunscrevem o meio social, bem como, facilmente perceptível questões discriminatórias de várias ordens sobressaindo-se as desigualdades sociais, étnicas e de gênero.

É relevante pensar a escola inclusive de sua forma intrínseca, ou seja, o modelo de escola que se constituiu na formação da sociedade brasileira, foi uma escola positivista, tradicional, elitista, fortemente arraigada no paradigma do patriarcado e seguidora do modelo “heteronormativo” A respeito deste modelo MISKOLCI comenta:

“Em 1991, Michael Wamer, define que a ordem social do presente tem como fundamento, a heteronormatividade, sendo construída e normalizadora socialmente compulsória, sendo este, um instrumento de regulação e controle contemporâneo. Partindo deste pressuposto, os que não seguem o padrão heteronormativo estão sofrendo opressão e restrição” (MISKOLCI, 2009 pp. 150-182).

Neste sentido, podemos inclusive observar esses elementos na grade curricular das escolas e a dificuldade em discutir e levantar questões a cerca da educação sexual no meio escolar.

Num mundo em que o discurso da globalização é algo em evidência, onde supostamente as fronteiras entre as sociedades desapareceram. Há categorias de Instituições sociais e nesta a escola se inclui. Operam presas em paradoxos que se contrapõem entre a teoria discursiva versus a prática, ou

seja, educar para um mundo globalizado que valorize a diversidade, porém, dentro de normatizações circunscritas a princípios impostos por uma ordem dominante que se estabelece entre muros invisíveis. Ilhados pelos “muros” não estão só as escolas – currículos, conteúdos, critérios avaliativos, formação de docentes, entre outros.

Deste modo, é importante pensar que as práticas dos profissionais da educação estão permeadas por suas experiências, culturas e vivências que intrinsicamente estão diretamente ligadas a estereótipos por muitas vezes discriminatórios sem mesmo objetivar a consciência deste fato. Como lidar com tal questão? Esse é um grande desafio para o início de uma transformação social, começar pelas pessoas. Considerando que a práxis educacional de professores e educadores também fazem parte de uma constituição de formação para uma visão de mundo entre tantas outras. Contribuir para esta visão ser menos excludente se faz necessário.

Neste contexto, a elaboração dos PCNs (Parâmetros Curriculares Nacionais), enfatiza uma discussão e proposta da introdução do tema sexualidade de modo transversal nas escolas é o que denominou-se como um processo de “escolarização da sexualidade” segundo Cesar (2009). Entretanto, tal medida ocasionou divisão no meio escolar “A partir de então os debates se dividiram entre aquelas/es que defendiam orientação/educação sexual como uma disciplina, como garantia de abordagens dentro das iniciativas curriculares e aquelas/es que a defendiam como tema transversal...”(Cesar 2009).

Na rede municipal de Curitiba, é latente a perspectiva na busca de resolução para a diminuição de índices de evasão escolar, reprovação, violências de várias vertentes. Projetos abordando os chamados “bullying” inclusive abordando de modo muito sutil a educação/orientação sexual, estouram por aqui e por ali. É notável a não associação dessa espécie de problema com a ausência de discussões da temática de gênero e diversidade. A obscuridade do currículo oculto permanece.

É claro que tais medidas ainda não se fazem hegemônicas no dia a dia de sala de aula. Salientando que mesmo com os materiais bibliográficos produzidos, pesquisas científicas, legislações e pareceres educacionais que abordam o tema, na amostragem da pesquisa verifica-se que ainda não há uma ação coletiva de órgãos gestores, Secretaria Municipal da Educação,



professores/professoras e comunidade escolar que vise modificar um currículo que está longe da necessidade e a realidade das escolas. Salvo por algumas ações pontuais de projetos que “não fazem parte do currículo” e como se resume na fala de alguns profissionais “é mais uma coisa para fazer”.

Entretanto, que o grau de formação dos (as) profissionais da educação a procura por informação e/ou conhecimento científico faz o diferencial na prática do mesmo frente às ações e sua organização inclusive de ordem curricular ao longo do ano letivo.

Neste contexto é importante ressaltar que nos últimos anos ocorreram pequenos avanços a respeito da educação sexual nas escolas e recentemente alguns retrocessos por alguns parlamentares fundamentalistas religiosos. A problematização das desigualdades de gênero impõe um grande desafio ao currículo escolar, sugerindo-se o diálogo no Estado Laico para as temáticas de gênero e diversidade. As palavras banalizadas precisam ser alvo de atenção, de desnaturalização. É preciso indagar-se o conteúdo, a forma como esse conteúdo é ensinado, que significados e linguagens lhe são atribuídos.

Enfim, essas são questões essenciais para quem se dispõem ao um processo de mudança e porque não revolucionário. Por meio de políticas públicas que promovam uma escola livre do poder disciplinador de corpos, mas como instituição que promova o desenvolvimento acadêmico de todos sem distinções de qualquer ordem.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ADELMAN, Miriam. **A voz e a Escuta**: encontros e desencontros entre a teoria feminista e a sociologia contemporânea. São Paulo: Blucher Acadêmico, 2009

ADIRON, Fabio. **Pela Educação para todos**. <http://www.planetaeducação.com.br/portal/celebrando-Diversidade>. Acesso em: 26/06/2015

BAUMAN, Zygmunt. **Globalização**: as consequências humanas. Rio de Janeiro: Zahar. 1999.

\_\_\_\_\_. **Sobre Educação e Juventude**. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

BECKER, Howard S. **Métodos de pesquisa em Ciências Sociais**. São Paulo: HUCITEC, 1993. P. 17 – 46.

BOURDIEU, Pierre; PASSERON, Jean Claude. **A reprodução: elementos para uma teoria do sistema de ensino**. 3. ed., Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1992.

\_\_\_\_\_. **O poder simbólico**. 7. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

BUTLER. Judith. **Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013.

DURKHEIM. E. **A divisão social do trabalho social**. São Paulo: Abril, 1973

\_\_\_\_\_. **Educação e Sociologia**. Petrópolis: Editora: Vozes, 2014.

**Gênero e Diversidade na escola: Formação de Professores/as em Gênero, Orientação Sexual e Relações Étnico-Raciais**. Livro de conteúdo, CEPESC, Brasília, 2009.

GOFFMAN. Erving. **Estigma – Notas sobre a manipulação da identidade deteriorada**. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

GOLDENBERG, M. **A Arte de Pesquisar**. Como fazer pesquisa em Ciências Sociais. Rio de Janeiro: Record, 2001

<http://ces.ibge.gov.br/apresentacao/portarias/200-comite-de-estatisticas-sociais/base-de-dados/1148-estatisticas-do-registro-civil.html>> Acesso em: 08 dez. 2015.

<<http://www.ippuc.org.br/default.php/bairro/cic> Acesso em: 24 out. 2015

<<http://www.curitiba.pr.gov.br/busca/?por=Educacao/html>> Acesso em: 04/11/2015

<<http://www.seguranca.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=89>/ Unidade Paraná seguro/ Acesso em: 11/11/2015

LUDKE, Menga & ANDRÉ, Marli E.D.A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo, Editora Pedagógica e Universitária, 1986, pp. 43-48.

MINAYO, Maria Cecília Souza de. Hermenêutica – Dialética como caminho do pensamento social. In: MINAYO, Maria Cecília Souza de; DESLANDES, Suely FERREIRA (org<sup>a</sup>). **Caminhos do pensamento e método**. Rio de Janeiro. Editora Fiocruz, 2003. p. 83-107.

\_\_\_\_\_. **Conceitos, teorias e tipologias de violência: a violência faz mal à saúde**. Série B. Textos Básicos de Saúde, Brasília: Ministério da Saúde. 2006, p.21-42.

MISKOLCI, Richard. **A Teoria Queer e a Sociologia: o desafio de uma analítica da normalização.** Sociologias, Porto Alegre, ano 11. Nº 21, jan/jun, 2009. p. 150-182.

ROSA, Waldemir. **Sexo e cor: categorias de controle social e reprodução das desigualdades socioeconômicas no Brasil** – Estudos feministas, 2009 17 (3) : 889-899.

SIERRA, Jamil Cabral. SGNORELLI, Marcos Claudio.(org). **Diversidade e Educação: intersecções entre corpo, gênero e sexualidade, raça e etnia.** Matinhos: UFPR Litoral, 2014.

SOUZA, Liliâne Pereira de. **A VIOLÊNCIA SIMBÓLICA NA ESCOLA: CONTRIBUIÇÕES DE SOCIÓLOGOS FRANCESES AO FENÔMENO DA VIOLÊNCIA ESCOLAR BRASILEIRA.**  
<http://www.revistalabor.ufc.br/Artigo/volume7/2> Acesso: 05/11/15

**Anexo I**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANA**  
PPGS – Programa de Pós Graduação – Gênero e Diversidade – EAD - UFPR  
Pesquisadora: Patricia Baptista Guerino  
Membro do Núcleo de Estudos de Gênero-UFPR  
Professora da Educação Básica – PMC e SEED áreas de atuação: História e Sociologia

“Survey” Acadêmico Local: Escola A – Curitiba – bairro: CIC

1) O que é uma violência?

---

---

2) Você já foi vítima ou presenciou alguma cena de violência na escola?

---

---

---

3) Nos filmes *Vestido Novo* o personagem Mário é um alunx . Ele gosta de se vestir com um vestido, por isso, gosta do dia de carnaval, onde pode se vestir como quer e “ser ele mesmo” Porém, seus colegas de classe não entendem e o xingam. O que você acha disso? Comente o papel representado pelos personagens “Elenita” e “Santos”.

---

---

4) Você consegue associar algum ato de violência ocorrido na escola a questão de Gênero ou sexualidade? Justifique.

---

---

5) No filme *Hoje não quero voltar sozinho* o que mais lhe chamou atenção?

---

---

6) O que você acha possível ser feito na escola para contribuir para o fim da discriminação de gênero e sexualidade?

---

7) Qual a sua idade? Quais as disciplinas que você mais gosta de estudar? Justifique.

---

8) Se você pudesse o que mudaria na Escola?

---

## Anexo II

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANA**  
 PPGS – Programa de Pós Graduação – Gênero e Diversidade – EAD - UFPR  
 Aluna e Pesquisadora: Patricia Baptista Guerino  
 Membro do Núcleo de Estudos de Gênero-UFPR  
 Professora da Educação Básica – PMC e SEED áreas de atuação: História e Sociologia

“Survey” Acadêmico: Local: Escola A – Curitiba – bairro: CIC

## 1-Profissão

- 1- Funcionário (a)
- 2- Gestão Escolar
- 3- Professores
- 4- Outros \_\_\_\_\_

## 2-Gênero para você é ? Idade?

\_\_\_\_\_

## 3-Como você considera o ambiente escolar em relação à questão de Gênero e Sexualidade:

- 1- Livre de qualquer discriminação de Gênero e Sexualidade
- 2- Livre de qualquer tipo de violência de Gênero e Sexualidade seja ela física, psicológica, simbólica e moral
- 3- Existe discriminação de Gênero e Sexualidade entre os alunos (as).
- 4- Existe discriminação de Gênero e Sexualidade entre professores, funcionários entre outros
- 5- Nunca refleti sobre isso

## 5-Refletindo sobre o tema você acha importante e/ou viável discutir gênero e sexualidade na escola?

- 1- Sim
- 2- Não
- 3- Talvez / Justifique:

## 6-Quais disciplinas você apontaria como mais adequada para proporcionar discussões sobre esses temas: Gênero e sexualidade? Justifique

\_\_\_\_\_

## 7- A partir das temáticas exibidas através dos filmes: Vestido Novo e Hoje eu não quero voltar sozinho. Você acha que pode haver relação entre a discriminação de Gênero e sexualidade e algumas situações de violência no ambiente escolar? Justifique

\_\_\_\_\_

8- Quais desses “tipos” de violências você destacaria como mais comuns no cotidiano escolar: **( MARCAR ATÉ 3 ALTERNATIVAS)**

- 1- Xingamentos ligados a classe social dos alunos (as)
- 2- Agressões físicas entre os alunos (as)
- 3- Agressões morais entre alunos voltadas a questão etnia-raça
- 4- Ofensas ligadas a orientação sexual e de gênero
- 5- Ofensas ligadas a questão religiosa
- 6- Conflitos ligados a questão corporal (aspectos físicos dos alunos)
- 7- Não há violências desse “tipo” no ambiente escolar
- 8- Outros: \_\_\_\_\_
- 9- Você considera importante discutir questões de Gênero e Sexualidade na escola? Justifique
- 10- Abordando a realidade dos currículos escolares. Quais os principais desafios para a discussão de Gênero e sexualidade na escola?

## Anexo III

**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)**

Convidamos o(a) Sr.(a) para participar de uma pesquisa intitulada , **CURRÍCULO OCULTO: UMA DISCUSSÃO DE GÊNERO NA ESCOLA** que objetiva, pensar em possíveis generalizações para problematizar primeiramente as diversas vertentes da violência que norteiam a temática de gênero e sexualidade nas escolas, posteriormente se tais violências são implicações resultantes da ausência desses temas nos currículos escolares., desenvolvida como Trabalho de Conclusão do Curso de **Especialização em Gênero e Diversidade na Escola** da **Universidade Federal do Paraná**, sob orientação do(a) Prof.(a) **Rita Salino**. Consideramos que sua participação será de extrema importância, uma vez que essa pesquisa possibilitará contribuir para uma análise de como podemos colaborar para entender as possíveis violências existentes no meio escolar que norteiam o gênero e a sexualidade e qual a importância dessa temática estar presente ou não nos currículos escolares. Gostaríamos de acrescentar que todos os cuidados éticos serão respeitados, principalmente o que concerne ao seu anonimato, confidencialidade e ao sigilo das informações que a Sr.(a) nos prestar. Os dados serão armazenados em local próprio, com acesso realizado apenas pelos pesquisadores. Os resultados do estudo poderão ser publicados apenas em eventos/periódicos de cunho científico, sempre sem a identificação dos participantes. Realizaremos um estudo de caso da Escola A e nos utilizaremos principalmente da pesquisa qualitativa, por meio de um “survey” realizado com uma comunidade escolar. A participação nesse estudo é voluntária e, caso o(a) Sr(a) aceite participar, ainda assim, poderá desistir a qualquer momento sem qualquer consequência ou prejuízo. A participação na pesquisa não terá nenhum custo financeiro. Estou suficientemente esclarecido(a) e dou consentimento para participar da pesquisa e, por isso, assino a seguir.

Local \_\_\_\_\_ Data \_\_\_\_\_

---

Assinatura do(a) Participante

NOME

---

Assinatura do(a) Pesquisador(a)

Patricia Baptista Guerino